

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

As contribuições da arqueologia para o estudo histórico da sinagoga judaica no século I d.C.

Monica Selvatici¹

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo analisar as contribuições da Arqueologia para o estudo histórico da relação entre judeus, e também cristãos, e a instituição da sinagoga no século I d.C., bem como demonstrar como os resultados de investigações arqueológicas recentes têm permitido questionar uma suposta oposição, amplamente defendida na historiografia tradicional acerca do Judaísmo e Cristianismo antigos, entre a sinagoga e a instituição do Templo de Jerusalém.

Palavras-chave: Arqueologia – sinagoga – Templo de Jerusalém – Judaísmo – Cristianismo.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the contribution of Archaeology to the study of the Jewish and Christian relations to the synagogue in the 1st century CE as well as to demonstrate how the results of recent archaeological investigations have questioned an alleged opposition between synagogue and the Jerusalem Temple, widely defended in traditional Jewish and Early Christian studies.

Key-words: Archaeology – synagogue – Jerusalem Temple – Judaism – Christianity.

Inserindo-se no contexto mais amplo da reflexão que norteia os trabalhos do presente Simpósio Temático de História Antiga, sobre a importância da multidisciplinaridade para o surgimento de novos saberes constituídos nos estudos sobre a Antiguidade, esta comunicação tem por objetivo analisar as contribuições da Arqueologia para o estudo histórico da relação entre judeus, e também cristãos, e a instituição da sinagoga no século I d.C. Ela visa, de igual maneira, demonstrar como os resultados de investigações arqueológicas recentes têm permitido questionar uma suposta oposição, amplamente defendida na historiografia tradicional acerca do Judaísmo e Cristianismo antigos, entre a sinagoga e a instituição do Templo de Jerusalém.

O termo ‘sinagoga’, pelo qual a instituição judaica em questão ficou conhecida, advém do grego *sunagoguê*, que significa ‘lugar de reunião’. O hebraico adotou significado muito próximo, ‘casa de reunião’ (*beit ha-kenesset*). Em grego, ela também era denominada *proseuchê* ou ‘lugar de oração’. Oração e reunião eram, assim, atividades relacionadas e

¹ Doutora em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora substituta de História Antiga e Medieval da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

denotavam, juntamente com uma terceira atividade – o estudo da Torá –, a função das sinagogas.

S. Safrai (1976: 913) acredita que a sinagoga tenha sido criada dentro do Templo de Jerusalém, como parte do ritual de adoração (a leitura e o estudo da Torá). O erudito se torna uma voz dissonante na historiografia sobre a origem das sinagogas quando são considerados os trabalhos mais recentes sobre o assunto. Os autores atuais – dentre outros, Griffiths (1994); Flesher (1994); Grabbe (1994); Binder (2003) – parecem concordar em relação à questão da origem das sinagogas na diáspora. Eles concluem que as sinagogas apareceram no Egito helenístico em razão de várias inscrições do tempo do soberano Ptolomeu III que fazem menção à *proseuchē* ou ‘lugar de oração’.

O levantamento realizado por Louis H. Feldman das centenas de inscrições e papiros relacionados às sinagogas da diáspora, descobertos até 1996, contabiliza sessenta e seis sinagogas geograficamente distribuídas entre a região do Mar Negro, o Egito e até a Espanha. O autor (1996: 602) observa, a partir de sua análise de tal documentação, que “as sinagogas serviram a várias funções, que diferiam de lugar para lugar e de um período histórico para outro (...) Elas não eram apenas lugares de culto”.

A sinagoga era uma instituição baseada na participação pública. Constituía o local de encontro da comunidade judaica de uma cidade. Se tal comunidade judaica fosse numerosa, mais de uma sinagoga era construída na cidade. A instituição era administrada por membros da comunidade judaica em geral e não por rabinos ou sacerdotes. O título dado ao líder de uma sinagoga era *archisynagogos*. A pessoa que assumia esta posição servia também como um patrono de toda a comunidade e, normalmente, era alguém que promovia benfeitorias à comunidade.

As poucas evidências arqueológicas e textuais acerca das sinagogas em Jerusalém sugerem que elas tenham pertencido a judeus originariamente da diáspora. Por essa razão, entende-se que as sinagogas de tais judeus prestassem serviços para outros judeus que, como eles, também fossem oriundos dos territórios exteriores à Palestina judaica, observa Paul Flesher (1994: 39). A chamada ‘inscrição de Teódoto’, encontrada no início do século XX no fundo de um poço (que não era o seu local de origem) dentro da área que hoje é designada como a ‘cidade velha de Jerusalém’, constitui um importante vestígio arqueológico que aponta nessa direção. Alguns autores datam a inscrição do período anterior à queda do Templo² embora não haja maiores indícios que fundamentem essa datação. Outros a datam do

² Birger Olsson (2003: 31) afirma: “Se formos datar, por exemplo, a inscrição de Teódoto, o século I é a sugestão mais provável”.

período de Adriano ou mesmo de Trajano.³ A inscrição, no entanto, atesta o fato de que um certo Teódoto, líder de uma sinagoga e tanto filho como neto de pessoas que desenvolveram a mesma função, construiu uma sinagoga. Na placa, lê-se o seguinte:

Teódoto, filho de Vêneto, o sacerdote e archisynagogos, filho de um archisynagogos e neto de um archisynagogos, que construiu a sinagoga para os propósitos de se recitar a Lei e se estudar os mandamentos, e o albergue, câmaras e instalações de água de maneira a prover as necessidades de itinerantes do exterior, e cujo pai, com os anciãos e Simônido, fundaram a sinagoga. (A citação se encontra em Flesher (1994: 33)).

A inscrição comprova a função de albergue para judeus peregrinos desempenhada pela sinagoga em questão. No entanto, ela não fornece indícios que indiquem se a sinagoga recebeu ampla aceitação em Jerusalém como uma instituição eminentemente religiosa.

A evidência textual mais importante da presença de sinagogas em Jerusalém no período anterior a 70 é a passagem, do relato de *Atos dos Apóstolos*, At. 6:9. Os autores, em geral – entre eles, Conzelmann (1987: 43-45); e Fitzmyer (1998) –, não encontram fundamento para duvidar da informação do autor Lucas (ou pseudo Lucas) nesse versículo, ao contrário de outras passagens do relato que fazem menção a sinagogas da Judéia – por exemplo, os discursos que Lucas faz Paulo proferir em sua defesa após a prisão em Jerusalém (At. 22:19, 24:12, 26:11) – e que são claramente criações lucanas obedecendo a seus propósitos narrativos. Além disso, as informações que At. 6:9 traz se aproximam daquelas fornecidas pela ‘inscrição de Teódoto’. Em At. 6:9, há a referência a uma sinagoga (ou sinagogas) em Jerusalém “chamada dos Libertos, dos Cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia”, que reunia judeus do Mediterrâneo helenístico, mais provavelmente, em função da língua grega e de uma identidade diaspórica partilhadas. Essa reunião de judeus do Mediterrâneo de fala grega se alia à informação de que a sinagoga construída por Teódoto desempenhava a função de dar abrigo a judeus itinerantes ou peregrinos advindos de suas comunidades na diáspora, de passagem por Jerusalém. Ela também se aproxima da informação de que a sinagoga de Teódoto era local reservado pelos judeus que residiam na cidade para ‘o estudo dos mandamentos’. Como é sabido que os judeus de fala grega utilizavam a versão grega da bíblia hebraica – a Septuaginta – é óbvia a conclusão de que eles, uma vez tendo fixado residência em Jerusalém, continuariam a ler e a estudar as escrituras judaicas em sua língua materna: o grego.

³ Paul Flesher (1994: 33) explica que, na realidade, as circunstâncias em que a inscrição foi encontrada não auxiliam em sua datação. Os arqueólogos que a acharam não utilizaram os métodos da análise estratigráfica para determinar em que segmento ela estava.

Para C. K. Barrett (1994: 338), a existência de sinagogas em Jerusalém constitui a única evidência de uma suposta tendência no Judaísmo antigo não completamente satisfeita com o culto ao Templo. A hipótese de Barrett foi, entretanto, provada incorreta. Não há evidências de que a sinagoga fosse uma instituição criada para fazer frente ao Templo de Jerusalém. No que diz respeito à dependência das sinagogas da (e não oposição à) instituição do Templo, os eruditos estão divididos em dois grandes grupos:

1. L. I. Levine afirma que, originalmente, as sinagogas não eram espaços primeiramente religiosos, mas, na realidade, centros comunitários. Elas sempre foram uma instituição multifuncional que respondia às diversas necessidades de toda a comunidade. Para o autor (2003: 21), as sinagogas não seguiram o modelo do Templo. Muito ao contrário, “tudo relacionado a essas duas instituições era diferente”. Neste sentido, Levine não partilha da opinião de Barrett de que as sinagogas tenham sido criadas como espaços religiosos que se opunham ao culto no Templo de Jerusalém, mas se aproxima dela ao enfatizar uma dessemelhança entre ambas instituições;
2. Já autores como L. L. Grabbe e Donald Binder defendem, ao contrário, um elo estreito entre o Templo e o papel desempenhado pelas sinagogas. Grabbe acredita que, assim como o Judaísmo constituía uma religião centrada no Templo, “foi nas comunidades judaicas distantes da Palestina que a necessidade de um local para o culto da comunidade se sentiu primeiramente” (1994: 18). Em relação às sinagogas palestinas, Binder (2003: 119-20) infere a partir das evidências arqueológicas das construções mais antigas – que constituíam um tipo de basílica e não possuíam clarabóia no teto – que a inspiração para esse tipo de arquitetura haviam sido os pátios do Templo do período do Segundo Templo.

Um dado mais contundente na demonstração de que a sinagoga não era uma instituição oposta ao Templo é a evidência arqueológica das plantas das sinagogas da diáspora. Em vários casos, a estrutura da construção se encontrava direcionada para o Templo em Jerusalém, em sinal, muito provavelmente, de respeito ao santuário da cidade santa. Um exemplo desse tipo de posicionamento é o caso da planta da sinagoga na ilha de Delos, segundo aponta André Chevitarese, em comunicação pessoal datada de 21/02/2005.

Em relação às sinagogas na Judéia – Jerusalém em particular –, o estudo de Paul Flesher sobre as sinagogas palestinas conclui que

Em regiões onde o culto ao Templo exercia algum controle e onde as pessoas viviam próximas o suficiente para freqüentar os sacrifícios (...) não ocorre evidência de que a sinagoga tenha sido amplamente aceita pela população. Assim, Jerusalém e a Judéia não fornecem dados capazes de indicar que a sinagoga fosse uma instituição importante juntamente com o Templo (1994: 39).

Já a Galiléia, que permanecia fora da esfera de influência direta do Templo, presenciou a criação de várias sinagogas, amplamente reportadas nos evangelhos.

Diante das evidências abundantes de que a instituição judaica da sinagoga não foi criada de maneira a opor a primazia do Templo de Jerusalém, e sim de estender a santidade do Templo para as localidades distantes do solo sagrado da cidade de Jerusalém, torna-se lícito indagar: por que, afinal, vários autores defendem o argumento da oposição sinagoga X Templo? Donald Binder, desempenhando o papel de “provocador” (termo que ele próprio utiliza em seu artigo), levanta a questão de um possível preconceito por parte dos autores que resistem à conclusão, apoiada na análise das evidências textuais e arqueológicas, de uma ligação entre sinagoga e Templo. O autor (2003: 127) se coloca nos seguintes termos:

Muitos de nós direta ou indiretamente extraímos significados pessoais dos ensinamentos que emanaram da sinagoga. Com isso em jogo, deve haver uma tendência inconsciente em separar essa instituição daquela cuja ênfase no sacrifício animal parece bárbara, cujo estilo de liderança patriarcal e hereditária parece chauvinista, e cujas gradações étnicas e de gênero se nos mostram ignorantes.

François Bovon recorda que a historiografia sobre o movimento cristão no século I que entende o grupo dos judeus cristãos helenistas como ideologicamente diferente do grupo dos cristãos hebreus, atribui ao grupo helenista uma franca oposição ao culto sacrificial do Templo em razão da crítica presente no discurso do judeus cristão helenista Estêvão, no capítulo 7 do livro dos *Atos*, de que o santuário se assemelha à idolatria dos pagãos.⁴ Esta historiografia tradicional entende serem os judeus cristãos helenistas contrários ao culto sacrificial do Templo e baseados, diferentemente, no princípio da sinagoga – uma instituição laica, gerida pela comunidade e onde não se realizava holocaustos (sacrifícios de animais), mas se praticava a oração e o estudo da Torá. Por que? É verdade que o movimento cristão

⁴ Em Atos 7:48, Lucas faz Estêvão afirmar “O Altíssimo não habita em obras de mãos humanas”. O termo utilizado para ‘obras de mãos humanas’ é *cheiropoiētos* que na Bíblia hebraica, invariavelmente, se aplica a algo relacionado aos ídolos ou à idolatria pagãos.

teve seu primeiro desenvolvimento, fora da Palestina judaica, nas sinagogas das cidades situadas na parte oriental do Mediterrâneo romano. No entanto, muitas dessas sinagogas não deram as boas vindas à mensagem cristã, vide o relato repetitivo de *Atos* da rejeição judaica em várias sinagogas em relação à Boa Nova trazida pelo apóstolo Paulo. Será que o preconceito de que fala Donald Binder não estaria entre os fatores a levarem a maioria dos eruditos que se debruçam sobre o tema do desenvolvimento do movimento cristão à conclusão de que a sinagoga se opunha ao Templo? A análise dos resultados recentes de escavações arqueológicas acerca das sinagogas judaicas tanto na diáspora quanto em Jerusalém coloca em questão a tese de uma oposição binária entre sinagoga e Templo e abre um novo cenário de busca para o estudo deste tema específico.

Bibliografia:

BARRETT, C. K. **The International Critical Commentary: Acts of the Apostles.** Edinburgh: T & T Clark, vol. 1, 1994.

BINDER, Donald D. “The Origins of the Synagogue: An Evaluation,” in: OLSSON, B. & ZETTERHOLM, M. (eds.) **The Ancient Synagogue from its Origins until 200 CE. Papers presented at an International Conference at Lund University.** Oct. 14-17, 2001. Stockholm: Almqvist / Wiksell International, 2003, p. 118-31.

BOVON, François. “The dossier on Stephen, the first martyr”. **Harvard Theological Review** 96, July 2003, p. 237-79.

CONZELMANN, Hans. **A Commentary on the Acts of the Apostles.** Philadelphia: Fortress Press, 1987 (1ª edição alemã 1963).

FELDMAN, L. H. “Diaspora Synagogues: New Light from Inscriptions and Papyri”, in: *Studies in Hellenistic Judaism.* Leiden: Brill, 1996, p. 577-602.

FITZMYER, Joseph. **The Anchor Bible: The Acts of the Apostles. A New Translation with Introduction and Commentary.** New York: Doubleday, 1998.

FLESHER, Paul V. M. “Palestinian Synagogues before 70 CE. A review of the evidence,” in: URMAN, D. & FLESHER, P. V. M. **Ancient Synagogues. Historical Analysis and Archaeological Discovery.** Leiden: Brill, vol. 1, 1994, p. 27-39.

FUNARI, Pedro P. A. Resenha da obra ‘Les Synagogues’ de Maurice-Ruben Hayoun & Dominique Jarrasse. **Revista de Estudos Judaicos** 4/4, 2003, p. 200-202.

GRABBE, L. L. “Synagogues in Pre-70 Palestine: A Re-assessment,” in: URMAN, D. & FLESHER, P. V. M. **Ancient Synagogues. Historical Analysis and Archaeological Discovery.** Leiden: Brill, vol. 1, 1994, p. 17-26.

GRIFFITHS, J. Gwyn. “Egypt and the Rise of the Synagogue”, in: URMAN, D. & FLESHER, P. V. M. **Ancient Synagogues. Historical Analysis and Archaeological Discovery.** Leiden: Brill, vol. 1, 1994, p. 3-16.

LEVINE, Lee I. “The Nature and Origin of the Palestinian Synagogue Reconsidered”. **Journal of Biblical Literature** 115, 1996, p. 425-48.

_____. “First-Century Synagogue: an introduction,” in: OLSSON, B. & ZETTERHOLM, M. (eds.) **The Ancient Synagogue from its Origins until 200 CE. Papers presented at an International Conference at Lund University**. October 14 – 17, 2001. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2003, p. 3-26.

OLSSON, Birger, “The origins of the synagogue: an introduction” in: OLSSON, B. & ZETTERHOLM, M. (eds.) **The Ancient Synagogue from its Origins until 200 CE. Papers presented at an International Conference at Lund University**. October 14 – 17, 2001. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2003, p. 27-36.

SAFRAI, S. “The Synagogue”, in: SAFRAI, S. & STERN, M. **The Jewish People in the First Century. Historical Geography, Political History, Social, Cultural and Religious Life and Institutions**. Assen: Van Gorcum, vol. 2, 1976, p. 908-44.